

O GRUPO ESCOLAR 30 DE SETEMBRO EM MOSSORÓ-RN: UMA ANÁLISE SOBRE O COTIDIANO E A CULTURA ESCOLAR

Antonia Milene da Silva ¹
Maria Antônia Teixeira da Costa ²

RESUMO

Este trabalho traz uma análise sobre o cotidiano e a cultura escolar no Grupo Escolar 30 de Setembro em Mossoró-RN. O presente estudo é um recorte de uma pesquisa concluída de dissertação de mestrado vinculada à linha Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação- POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN, que estudou o Cotidiano do Grupo Escolar 30 de Setembro em Mossoró-RN (1950-1965), a fim de compreender como foram postas em prática as proposições difundidas para o ensino primário. Para dar suporte teórico, estivemos ancorados em Júlia (2001) e Certeau (1998) dentre outros, permitindo-nos perceber como o cotidiano da escola pública brasileira foi se construindo e modificando-se ao longo da história. Recorremos também a documentos públicos e privados, como legislações, decretos, regimentos e obras memorialísticas. Em nosso estudo, ficou evidente a relação entre família, criança e escola e como esse ambiente está correlacionado na formação do cidadão, revelando a representação de sentidos conferidos pela família à escola, na qual essa instituição é mencionada como espaço educativo rígido, disciplinador e ao mesmo tempo, espaço social de prestígios, que propiciava momentos lúdicos e prazerosos. Pudemos constatar que as mudanças estabelecidas a partir das novas legislações propiciaram determinadas inovações na divisão do trabalho docente, na racionalização do trabalho, se configurando em uma nova ordem escolar. No entanto, percebemos que não há como se ter uma uniformidade, pois cada cotidiano escolar é construído e transformado pelas apropriações e ações dos sujeitos partícipes do processo. Assim, estudar o cotidiano e a cultura escolar do Grupo Escolar 30 de Setembro, nos ajudou a entender e conhecer singularidades presentes no espaço escolar, possibilitando reflexões sobre a escola pública brasileira, contribuindo para explicitar as memórias escolares e refletirmos sobre o que ainda repercute no cotidiano vivo da escola a partir da sua cultura escolar.

Palavras-chave: Cultura Escolar, Cotidiano, Grupo Escolar, História da Educação.

INTRODUÇÃO

A problemática que suscita o estudo diz respeito ao cotidiano do Grupo Escolar 30 de Setembro em Mossoró/RN no período compreendido entre 1950 a 1965. O presente estudo é um recorte de uma pesquisa concluída de dissertação de mestrado vinculada à linha Formação Humana e Desenvolvimento Profissional Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação- POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do

¹ Professora da Educação Básica. Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, amilenes@hotmail.com.

² Orientadora: Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora aposentada da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Norte- UERN, que estudou o Cotidiano do Grupo Escolar 30 de Setembro em Mossoró-RN (1950-1965), a fim de compreender como foram postas em prática as proposições difundidas para o ensino primário.

Assim, neste artigo, fizemos uma discussão dos conceitos relacionados à cultura escolar e cotidiano, tendo em vista que a nossa análise primordial são as narrativas advindas da memória de ex-alunas dessa instituição mencionada. Discutir sobre esses conceitos tornou-se essencial para suscitar reflexões sobre as diversas práticas humanas que trouxeram e ainda trazem sentido à escola, possibilitando um olhar multidisciplinar sobre essa instituição de ensino.

O nosso olhar, enquanto pesquisadora iniciante no campo da história da educação, fez com que tentássemos apresentar aqui uma vertente historiográfica da história da educação da escola pública primária norte-riograndense, em específico, o modelo de escola que já não é mais possível na atualidade, os denominados grupos escolares, aqui representado no estudo pelo Grupo Escolar 30 de Setembro, em Mossoró/RN.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste estudo, estivemos pesquisando e lendo textos de autores que deram suporte teórico, assim, estivemos ancorados em Júlia (2001) e Certeau (1998), dentre outros, permitindo-nos perceber como o cotidiano da escola pública brasileira foi se construindo e modificando-se ao longo da história. Para isto, nos ancoramos na abordagem qualitativa de pesquisa por compreendermos que se configura como o meio mais adequado para o desenvolvimento do nosso estudo. Recorremos também a documentos públicos e privados, como legislações, decretos, regimentos e obras memorialísticas, dentre outros, o que nos permitiram perceber particularidades acerca de como compreender o cotidiano da escola e sua relação intrínseca com a cultura escolar estabelecida.

REFERENCIAL TEÓRICO

Quando nos propusemos a estudar o cotidiano do Grupo Escolar 30 de Setembro a partir das narrativas de ex-alunas, tivemos como pretensão de compreender como os docentes se apropriaram das estratégias estabelecidas através de regulamentações e criavam, a partir de então, táticas de resistência no seu cotidiano escolar que precisa ser

entendido como o espaço dinâmico e interativo, que cotidianamente vai se construindo por meio das artes de fazer dos sujeitos que usam e exercem suas práticas nos espaços escolares. Assim sendo, envolve diversos fatores político e ideológico, ao conhecimento, às atividades diárias de professores e estudantes nas salas de aula e, de como entendemos tudo isso, pois a vida da instituição escola é dinâmica e de movimento constante. Para entender mais sobre o conceito de Cotidiano, buscaremos respaldo nas pesquisas de Certeau. (2008)

Desse modo, pensar um cotidiano que se reorganiza diariamente, que se faz e refaz, entre “estratégias e táticas” cotidianas e que se (re) constrói a cada momento, considerando o conjunto de educadores que se apropriam dele e dos demais agentes educacionais. Torna-se necessário analisar a manipulação pelos praticantes e os modos de proceder da criatividade cotidiana, desse modo, a representação ensinada não indica o modo como ela é concebida pelos usuários e sua utilização.

Sendo assim, há a necessidade de analisar a manipulação pelos praticantes que não a fabricam, pois os usuários se reapropriam do espaço ao seu modo e vão constituindo práticas diárias, ou seja, vão construindo maneiras de fazer com táticas dos consumidores articuladas sobre os detalhes do cotidiano.

Certeau (1998), busca em suas pesquisas, conhecer a capacidade inventiva do indivíduo em sua experiência prática cotidiana. A análise do espaço empreendida por esse estudioso em “A Invenção do Cotidiano” possibilita a construção de uma hipótese de que a inventividade do passante pode ser metaforizada para os ofícios diversos, inclusive para o historiador. Segundo esse autor, a caminhada do passante só pode ser apreendida no seu fazer, pois o passante não experimenta apenas um caminho, ao contrário, utiliza diversas rotas que outros podem ou não usar para chegar aos mesmos lugares.

Sobre a perspectiva certeuniana, pensemos no currículo escolar e nas estratégias que os docentes utilizam para “inventar” novas práticas, criando e inovando o seu cotidiano. Dentro dessa concepção, podemos compreender que o currículo e o espaço escolar, criados e elaborados a partir de leis e regimentos, não podem ser pensados como algo estático ou apenas como um programa de estudos, mas sim, como um ambiente simbólico, material e humano que é constantemente reconstruído por quem os vivencia diariamente.

Certeau (1998) quando se refere ao conceito de estratégias, cita como sendo ações que supõe a existência de um lugar de onde se podem dirigir as relações com uma exterioridade. Já a ideia de tática leva à interioridade, pois se trata de uma “ação calculada

que é determinada pela ausência de um próprio” (p.99). A distinção entre os dois conceitos reside, principalmente, no tipo de operação que se pode efetuar. As estratégias demandam um lugar de poder, de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças. Em síntese, as estratégias são capazes de produzir e impor, já as táticas só permitem utilizar, manipular e alterar algo.

Conforme Certeau (1998) existe também a formalidade das práticas, na medida em que há uma lógica dessas práticas, vista nesse caso como regras, há também a engenhosidade dos considerados fracos, possibilitando uma “politização das práticas cotidianas”, atribuindo as produções dos sujeitos de sentido e significações. Assim, os consumidores, homens ordinários, traçam caminhos indeterminados e essas trajetórias “circulam, vão e vêm, saem da linha e derivam num relevo imposto, ondulações espumantes de um mar que se insinua entre os rochedos e os dédalos de uma ordem estabelecida” (Ibidem, p. 97).

Certeau (1998) busca o enquadramento das ditas “massas anônimas” e as maneiras de fazer cotidianas dessas massas. Ele identifica que essas massas agem subversivamente no campo simbólico à ordem estabelecida, às práticas de consumo como ideias, valores e produtos, em que operam os usuários, considerados aqui como o homem ordinário, e que não são passivos e nem totalmente disciplinados. O autor acredita nas práticas subversivas dos homens tidos como comuns.

A defesa de Certeau (1998), de estudar o cotidiano como campo passível de investigação é, pois, uma maneira de dizer que o cotidiano precisa ser percebido como um território, produto de um longo processo de socialização promovido, principalmente, pela interação do indivíduo ao seu grupo social, grupo esse onde são apreendidos os elementos cognitivos, convicções e comportamentos que o conduzirão pelo decorrer da vida.

Nesse sentido, a interação de formas identitárias, é percebido por Certeau (1998) como a constituição de um sinal que transforma o espaço geográfico em um lugar simbólico que permeia por toda a vida, é a estrutura do cotidiano. O mundo das objetivações, lugar de onde parte as ações políticas, econômicas, linguagem, o sistema de hábitos. O estudioso demonstra que a ação subversiva silenciosa do cotidiano, coloca-se em dissonância com práticas de uniformização e obediência dos homens ordinários, impostas pelos mecanismos de controles.

Para Certeau (1998), a resistência subversiva silenciosa da dominação é variável ao tempo, mas também é duradoura, pois a desigualdade é fator permanente nas relações

sociais. Assim, é fundamental que possamos explorar os espaços sociais onde a ação cotidiana emerge e se estabelece, bem como analisar suas táticas reacionárias às imposições sociais do sistema, como o espaço da escola.

Certeau (1998), inverte o modo de interpretar as práticas culturais contemporâneas, recuperando o que chama “astúcias anônimas das artes de fazer” chamando a atenção para as táticas práticas que compõem a arte e que operam dentro do lugar. É mister enfatizar que a obra desse autor, apresenta evidências de que por traz da totalização existe uma estranheza e modificação do cotidiano que não vem à superfície de forma tão clara. Quando esse pesquisador estudou as astúcias dos consumidores, e como esses rompem com todas as formas de uniformização e obediência, o autor estava interessado pelas maneiras de práticas cotidianas.

O cotidiano vai se atrelando ao conceito de cultura escolar, como por exemplo, quando estamos nos referindo ao cotidiano escolar, podemos pensar no currículo estabelecido a partir de normatizações governamentais que se tem como representação oficial, mas também por se apresentar em sua materialização cotidiana de cada escola, num movimento prático dos agentes escolares.

Definindo o que é cultura escolar, Julia (2001), diz que a mesma não pode ser considerada sem que antes seja feita uma análise das relações de conflitos durante cada momento da história, pois a escola é uma instituição que possui suas próprias formas de ação e de razão construídas no decorrer da história. Assim, esse pesquisador define cultura escolar como,

[...] um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (Julia, 2001, p. 10)

No texto *Cultura e cotidiano escolar*, Alves (2003) faz um resumo da trajetória das pesquisas em torno do/no Cotidiano Escolar que se revelou e passou a ser visto como um campo de descobertas para compreender o que se passava dentro da escola e as relações mantidas nesse espaço. Nesse texto, a autora supracitada nos mostra que a escola é um espaço vivo, dinâmico e por isso, estudar o cotidiano torna-se uma relevante forma de conhecer a realidade intrínseca da escola,

Ao serem introduzidos no Brasil autores relacionados aos Estudos Culturais, e com a criação de grupos de pesquisa em torno de questões enfrentadas dentro deles, foi possível a ampliação dos trabalhos no/do cotidiano, através da compreensão das relações que mantêm entre si os múltiplos cotidianos em que cada um vive, em especial considerando os artefatos culturais com os quais os praticantes desses cotidianos tecem essas relações. (2003, p. 65)

Complementando a discussão, Alves (2003) ressalta também que os estudos envolvendo o cotidiano vem sendo ampliado no Brasil, promovendo uma maior visibilidade e compreensão do que realmente esse campo de estudo se propõe, desvinculando da compreensão ao olhar do senso comum.

A escritora citada acima, traz alguns questionamentos no decorrer do texto em que aborda as pesquisas do cotidiano em educação, tais como: “O que é, para nós, o cotidiano? Por que ir ao cotidiano? Para aprender o quê? Por que acreditamos que isso vale a pena e necessário?”. No transcorrer do texto, a autora se preocupa em esclarecer que o termo cotidiano não deve ser entendido aqui como rotina (mesmice), pelo contrário, devido à complexidade das práticas criadas pelos homens a partir da sua criatividade e pluralidade que compõe o cotidiano, este não se apresenta como algo controlável, instável e/ou repetitivo.

Assim, pesquisar e pensar em outros modos de ver e conhecer a escola e o seu respectivo cotidiano escolar, é imprescindível, independentemente do período estudado, pois sabemos que muitas pesquisas veem se preocupando em investigar o cenário escolar atual para compreender as dificuldades e tentar encontrar meios de amenizá-las, no entanto, em nosso estudo, ousamos fazer o inverso, investigar e conhecer como era o cotidiano de uma escola dos anos de 1950 a 1965 para compreendermos quais permanências, rupturas e inovações na escola estão presentes na contemporaneidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção e consolidação da instituição denominada escola está intrinsecamente ligada a da cultura escolar e o seu cotidiano, isso porque, a escola passa a ser uma referência como instituição escolar interventiva para a sociedade, responsável por legitimar o conhecimento tido como científico, pois a inoperância, precariedade e a falta de controle do estado sobre as escolas impulsionaram uma mudança física e

simbólica da reformulação da educação primária para o povo em meio à primeira república.

Assim, a escola construída na Primeira República começou a trazer várias novidades educativas, dentre elas, a implantação das escolas seriadas, agrupando alunos de acordo com a idade e níveis de aprendizagem. Surgindo assim os grupos escolares que eram também chamados de escolas graduadas, uma vez que o agrupamento de alunos se dava de acordo com o grau em que situavam, passando gradativamente até concluir o ensino primário. Com a construção dessas instituições, o governo explicitava claramente sua intenção de mostrar o antes e o depois do governo republicano, no que concerne ao setor educativo.

A educação era, sem sombra de dúvidas, o grande trunfo que o Governo via em mãos para diminuir, de uma vez só, os maiores problemas dos brasileiros, na medida em que iria conduzir o Brasil para o caminho da modernidade por meio da alfabetização e civilização da grande massa populacional, conseguindo assim, mais eleitores. Jorge Nagle (1976) denomina esse período como movimento do entusiasmo pela/da educação, pois o governo tratou de utilizar a educação como um meio de transmissão de valores culturais considerados necessários para se atingir as novas perspectivas que se pretendia para a época.

Nesse contexto, a nova ordem social acaba por impor mudanças radicais também no campo da educação, passando a escola por transformações marcantes não apenas no que se refere à estrutura física mas também e sobretudo, a uma nova forma de organização tanto administrativa, quanto didático-pedagógica.

Desse modo, a instituição denominada de grupo escolar passou a fazer parte de um modelo de organização que visava o projeto de educação popular, ao passo que a educação se volta nesse momento para a formação/produção dos indivíduos que constituiriam a nova sociedade republicana, marcando o nascer de um tempo inovador.

Nesse ínterim, os grupos escolares começam a ser construídos trazendo várias novidades educativas e com eles, o governo explicitava claramente sua intenção de mostrar o antes e o depois do governo republicano, no que concerne ao setor educativo. Essa forma de ensino também chegou ao estado do Rio Grande do Norte e em Mossoró.

Falamos um pouco da trajetória da escola primária, para compreendermos como a escola se torna uma instituição responsável por transmitir uma cultura legitimada para a população, modificando e/ou perpetuando essa cultura a partir das novas gerações. A escola tem função social e o modo como a escola vem se organizando tem reforçado

mecanismos geradores de adaptação e dominação, seguindo as formas oficiais e recomendações de entidades mantenedoras, mas atrelado a isso, também existe outra forma de estrutura organizacional que sustenta e mantém a totalidade da escola nas relações ordenadas, assim, a cultura perpassa nos seus ritos, linguagem, práticas, formas de organização, gestão, currículo, enfim, todas as ações do cotidiano escolar.

Sabemos que existem comportamentos que aproximam as escolas, comportamentos estes que transformam a escola em uma instituição com cultura própria e, nesse processo, quem desenha e define são os mesmos membros que atuam nesse espaço, através dos discursos e linguagens que essas práticas vão sendo constituídas nos espaços escolares.

Essa cultura escolar constituída advém, principalmente, de duas partes: dos programas oficiais e dos resultados efetivos da ação da escola. No entanto, para compreender a cultura escolar é imprescindível conhecer os indivíduos e suas práticas estabelecidas nesses espaços formativos, pois o conjunto de normas, valores, rituais, pensamentos, constituidores de práticas que compõe a cultura da escola são os impulsionadores que formam e transformam o cotidiano escolar.

Pensando no nosso objeto de estudo, consideramos relevante conhecer como eram desenvolvidas as práticas cotidianas escolares no passado (não tão distante) para, com o olhar e a experiência do hoje, refletirmos sobre as questões que ainda permeiam e ficaram arraigadas com o passar do tempo em nossas escolas, pensando assim nas mudanças e permanências das ações dos que fazem esse espaço escolar.

A estrutura escolar que começou a emergir no início do século XX aqui no Brasil, nascia carregada de responsabilidade e intencionalidade, tendo em vista que o Governo vigente acreditava que seria a escola o espaço mais adequado para proporcionar a ascensão da sociedade, pois possibilitaria ao povo o contato com preceitos educativos e civilizatórios necessários aos novos ideais republicanos. Com isso, de acordo com Costa duzidos diversos elementos que envolvia metodologias inovadoras, utilização de materiais considerados modernos e lúdicos, organização escolar baseada na idade e níveis de aprendizagem do aluno, mudanças no currículo, na qualificação docente e outros. Todas essas, e outras novidades, foram sendo inseridas com o grande propósito de racionalizar e uniformizar a educação escolar pública. A escola se constituiu, então, como espaço de inculcação de comportamentos e habitus geradores de práticas que são perpetuadas ao longo do tempo.

Assim, buscamos caracterizar o cotidiano escolar do Grupo Escolar 30 de Setembro, no que se refere à rotina da organização escolar, as atividades de ensino, as festividades da escola, as práticas pedagógicas das professoras, e para isso, relacionamos o cotidiano escolar evidenciado nas narrativas de ex-alunas com as proposições de organização presentes na legislação educativa vigente, dos regimentos internos e outros documentos legais sobre ensino e sobre os Grupos escolares, a fim de identificar táticas mobilizadas pelos agentes do cotidiano do Grupo Escolar 30 de Setembro em Mossoró.

Nesse sentido, nos propusemos a identificar nas atividades práticas que aconteciam no espaço escolar no período em estudo e fizemos uma análise sobre o cotidiano e a cultura escolar. Com isso, buscamos apreender como as professoras internalizaram e como foram postas em prática as proposições difundidas para o ensino primário moderno, possibilitando entender como os sujeitos constroem e convivem em seus diferentes contextos/cotidianos, sem desconsiderar suas pluralidades e especificidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos refletir aqui sobre o contexto e o cotidiano da escola nos anos de 1950 a 1965 o que nos conduziu a problematizar a escola, as normatizações e os sujeitos atuantes nesse espaço para entendermos um pouco mais sobre o cotidiano do Grupo Escolar 30 de Setembro, por intermédio principalmente, das narrativas de ex-alunas, a fim de apreender como foram postas em prática as proposições difundidas para o ensino primário moderno no período em estudo. As narrativas das ex-alunas não estão presente neste texto, por se tratar de um recorte da pesquisa e nos determos, principalmente, aos conceitos de Cotidiano e cultura escolar.

De antemão, enfatizamos que as narrativas colocaram em relevo o sentimento identitário relacionado espaço escolar e as falas foram carregadas de lembranças marcantes sobre seu processo educativo como um todo, dando destaque à família como base primordial que impulsionou e incentivou a continuação dos estudos delas, chegando a servir de referência e orgulho para os seus familiares. Identificamos assim, a importância exercida pela tradição familiar no sentimento de pertença à comunidade escolar e a tomada de consciência do prestígio social que a escola tinha.

Para este artigo, nos debruçamos em autores que trazem a fundamentação sobre Cotidiano e Cultura Escolar, trazendo fundamentos teóricos que nos auxiliou a fazermos

a caracterização teórica do objeto de estudo, nos possibilitando sistematizar uma discussão em busca da compreensão do objeto à luz da teoria. Por isso, acreditamos que essas leituras teóricas foram essenciais em nosso estudo, justamente por possibilitar uma compreensão maior dos fenômenos do cotidiano e cultura escolar constituindo reflexões teóricas pertinentes.

Esses autores trazem pertinentes discussões sobre o cotidiano, inclusive, despertando estudos e novos olhares acerca do cotidiano escolar, sendo a escola concebida, a partir de então, como local onde os sujeitos constituem múltiplas relações e assim, constroem e reconstróem suas histórias, retratando suas condições humanas, culturais, sociais, econômicas e políticas.

Ainda sobre as narrativas, percebemos nas falas quando as colaboradoras citam a utilização de metodologia compreendida como inovadora, levando-nos a crer que a consolidação da cultura escolar foi um resultado da articulação de múltiplas práticas, reforçadas por táticas e apropriações das novas concepções de ensino.

E sobre as metodologias, percebemos a ação do Estado, tratando de fundar uma nova realidade por meio de esforços cria normalizações legais que direciona a base da educação pública brasileira. Essas normalizações legais abarcaram a educação pública como um todo no que concerne aos aspectos estruturais da inovação referente à escola primária, secundária e também no ensino superior. A intenção era de mudar/inovar o ensino, o que não quer dizer que todos os aspectos foram cumpridos com sucesso ou que aconteciam da mesma forma em todos os espaços.

Esta constatação é intrigante, pois as colaboradoras da pesquisa são enfáticas quando falam de alguns aspectos que não são seguidos, como por exemplo, as aulas passeios que as colaboradoras enfatizam nunca ter acontecido. O fato é que as normalizações geraram mudanças efetivas nas práticas educativas, no entanto é inviável haver uniformidade tanto pelos contextos de cada espaço educativo, como também pelas táticas mobilizadas pelos sujeitos consumidores, sejam eles professores, funcionários ou alunos, resultando em formas de apropriações de velhas e novas práticas de ensino, que se articulam entre si, controlando tempo, espaço e se inscrevendo na lógica institucional e pedagógica da escola, formando e consolidando uma cultura no cotidiano escolar.

Assim, entendemos que a escola primária foi concebida como fator de ordem e moralização pública, com estrutura arquitetônica pensada para ter várias salas de aula e ainda outros espaços destinados a parte administrativa da escola, como sala de direção, de docente; escola essa que passou a ser graduada, planejada para propiciar um

aprendizado significativo aos alunos, com mobiliário adequado, materiais didáticos que viessem a explorar os sentidos dos alunos e ajudar ao professor a tornar as aulas mais dinâmicas e prazerosas. As mudanças eram, sobretudo, no que se refere à organização administrativa e didático-pedagógica da escola em todos seus aspectos.

Portanto, estudar o cotidiano e a cultura escolar do Grupo Escolar 30 de Setembro, nos ajudou a entender e conhecer singularidades presentes no espaço escolar, possibilitando reflexões sobre a escola pública brasileira, contribuindo para explicitar as memórias escolares e refletirmos sobre o que ainda repercute no cotidiano vivo da escola a partir da sua cultura escolar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Cultura e Cotidiano escolar. 25ª reunião anual da ANPED. Caxambu, Minas Gerais. 2003.

COSTA, Edinária Marinho da. As práticas pedagógicas nas narrativas das Professoras Primárias de Apodi/RN (1946-1961). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação- POSEDUC da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN, 2014.

CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas: Autores Associados, n.1, jan./jun. 2001.

NAGLE, Jorge. Educação e Sociedade na Primeira República. São Paulo: EPU, 1976.